

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA MATERNA

Camila do Carmo Custódio (UNESP)

Abordagem de algumas teorias da aquisição da linguagem, visando evidenciar as contraposições gritantes entre elas. Ressalta-se Vigotsky versus Chomsky.

Existe uma especificação das fases de aprendizagem, desde os primeiros meses de vida até a aquisição mais global.

A AQUISIÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sabrina Casagrande (UFSC)

Diacronicamente vários estudos mostram as mudanças pelas quais passaram os clíticos acusativos de terceira pessoa durante os últimos três séculos. Especialmente, temos os trabalhos de Cyrino (1994 e 1996), Nunes (1996) e Pagotto (1996). Eles nos mostram que este clítico, no português brasileiro, deixou de ser usado na fala, ocorrendo somente em contexto de escrita. Isto teve algumas conseqüências para a aquisição da linguagem, entre elas, que este clítico deixou de ser adquirido, pois não está mais presente no input recebido pela criança. Ela passa a usar, no lugar deste clítico, ou um pronome pleno - ele - ou um objeto nulo. Essa escolha vai depender, segundo a hipótese de Cyrino e Lopes (2003), dos traços semânticos do antecedente. Dado esse quadro, o clítico só entrará no sistema pronominal através da escolarização. Ao contrário dos clíticos de 3ª pessoa, os clíticos de 1ª e 2ª pessoas ainda estão presentes no paradigma pronominal do PB. Poucos são os estudos relacionados a esses clíticos e o que mostramos aqui é como eles estão sendo encarados em termos de aquisição da linguagem. Observou-se, qualitativamente, os dados de uma criança no período de idade de 1:8 a 3:7, em cujo dialeto ocorre o pronome “tu” e seus respectivos clíticos “te” e “ti”. Em relação aos clíticos de primeira e segunda pessoas, pudemos observar que eles estão bastante presentes no contexto de aquisição da criança. Isso, conseqüentemente, leva a sua aquisição, o que observamos na produção da criança. Não se observou, no período analisado, nenhuma substituição dos pronomes acusativos - “me” e “te” - respectivamente pelos pronomes fortes - “eu” e “tu/você”. Isso nos mostra que a aquisição destes clíticos está se comportando diferentemente dos clíticos de terceira pessoa que, como mencionado, desapareceram do sistema pronominal e podem ser realizados como pronome forte “ele”.

A AQUISIÇÃO DO SISTEMA ORTOGRÁFICO E SUAS ASSIMETRIAS

Elisama Rodrigues dos Santos Barbosa (UNESP)

É fato comprovado que a educação apresenta uma série de problemas, o que tem suscitado discussões que visam a uma solução. Considerando as inúmeras dificuldades do processo de aquisição da escrita, o presente trabalho pretende encontrar novas formas de atuação que possam contribuir para uma melhor compreensão desse sistema com o qual a criança se depara no início da alfabetização; detendo-se mais especificamente no momento de aquisição da ortografia. É preciso atentar para o fato de que a aquisição da língua escrita é um processo cognitivo e que, ao entrar em contato com esse tipo de representação gráfica, a criança precisa apreender todo o sistema. Nesse caminho de descoberta surgem alguns obstáculos que precisam ser superados.

A intenção é estudar os procedimentos funcionais das unidades grafêmicas, detectando as assimetrias do sistema gráfico da língua portuguesa, especificando a diversidade de operações que estão na base da aquisição da ortografia e os pontos mais frágeis e mais dificilmente acessíveis para a criança. Foram analisadas produções escritas de crianças que se encontram nesse estágio de aprendizagem, com o intuito de estabelecer relações entre o corpus coletado e as premissas teóricas e, a partir dos dados obtidos, propor atividades que facilitem o aprendizado do sistema ortográfico.

Esta pesquisa vincula-se a um projeto mais amplo em Aquisição da Língua Escrita, desenvolvido em conjunto com a equipe técnica (Psicopedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia e Assistência Social) do CENPE (Centro de Pesquisas da Infância e da Adolescência "Dante Moreira Leite" - FCL - UNESP-Araraquara), que possibilita a aplicação de conceitos teóricos utilizando uma abordagem interdisciplinar e abre portas para que a pesquisa chegue à sociedade.

COMO AS CRIANÇAS RECORTAM OS EVENTOS: AGENTIVIDADE E INTENCIONALIDADE NA FALA DA CRIANÇA

Rosa Attié Figueira (UNICAMP)

O modo como as línguas naturais recortam os eventos interessa não só aos linguistas, mas aos psicólogos e filósofos. Destaque se dá a um tipo de estruturação linguística - chamada evento causativo - na qual duas entidades do mundo são unidas numa relação causal. Observando uma criança brasileira aprendendo o português (2;8 a 5 anos, pesquisa longitudinal), examinaremos como a criança recorta o fluxo dos acontecimentos nos quais está, ou efetivamente implicada como agente ou apenas indiretamente implicada como participante, numa atividade que dá por resultado uma alteração num estado de coisas do mundo. Nosso objeto será considerado no plano da língua (as formas pelas quais o evento é expresso), e no plano do discurso (seu funcionamento discursivo). Nas trocas verbais diárias nem sempre a fala da criança aponta um agente - intencional ou consciente - da ação em pauta. Em vários episódios adulto-criança, observam-se enunciados de pura menção ao estado de coisas, em enunciados cuja estrutura (V no perf. + sozinho) pode ser interpretada como isenção de responsabilidade ou culpa. Em outros, trata-se de transferir a responsabilidade do ocorrido para um agente remoto, não-imediato, que tem na cadeia causal uma participação indireta - domínio por excelência de uma construção sintática com o item fazer. Em outras ainda, trata-se de episódios em que a criança recorta um acontecimento de maneira singular, até insólita; não compatível com o ponto de vista adulto. Cabe então indagar a respeito dos caminhos que a criança percorre ao aprender a relacionar causa e efeito. A abordagem teórico-descritiva procura realçar o fato de que categorias lingüísticas como agentividade, intencionalidade se constroem no interior de uma prática discursiva efetiva,

em que é dado à criança (no confronto com seu interlocutor) exercitar diferentes olhares sobre os eventos, suas causas e consequências.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ESCRITA/DESENHO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM SUJEITO

Adriana de Paula (UNICAMP)

O desenho infantil tem sido objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento. Psicólogos, psiquiatras, sociólogos, pedagogos e outros profissionais, em diversos momentos, buscaram no desenho uma forma de entender o desenvolvimento da criança. Desenvolvidos sob enfoques cognitivos, afetivos, motores, gráficos, estéticos etc, esses estudos, de um modo geral, podem ser divididos em duas vertentes: de um lado, encontramos trabalhos que tratam o desenho a partir de uma perspectiva maturacionista e se preocupam basicamente com a maneira como as crianças representam a realidade à sua volta. De outro lado, encontramos trabalhos baseados na perspectiva histórico-cultural defendida por Vigotsky e seus colaboradores, que consideram o desenho infantil como um espaço, socialmente constituído, de representação simbólica da criança. Conforme Vigotsky (1991), o desenho é um estágio preliminar do processo de aquisição da escrita, a partir do qual a criança vai construindo processos de significação que vão muito além de uma simples tentativa de representar a realidade que a circunda. Sob essa perspectiva, entendemos que as imagens figurativas produzidas pelas crianças podem fornecer pistas sobre o modo como se desenvolve o seu processo de atribuição de sentido, revelando-se como um caminho fecundo para a análise do desenvolvimento da escrita infantil. Desse modo, a partir da análise de dados relativos à aquisição da escrita por um sujeito brasileiro, M.L., de quem dispomos de um corpus longitudinal, constituído de suas escritas e seus desenhos produzidos em ambiente escolar e doméstico desde a pré-escola até o final do ensino médio, o presente trabalho pretende traçar considerações sobre o papel do desenho no processo de aquisição da linguagem escrita desse sujeito e, através desse acompanhamento longitudinal, observar marcas do trabalho individual de M.L. com a escrita e com o desenho que possam ser tomadas como indícios de um estilo em construção.

INTERAÇÃO VERBAL NA RODA DE DISCUSSÃO: DO RESGATE ORAL À ESCRITA

Maria Eugênia Ribeiro D'elia (UNICAMP)

Este relato traz a análise de uma situação de interação verbal em sala de aula de primeira série, mais especificamente, a retomada de um tópico durante uma roda de discussão, visando organizar a produção de um texto escrito. Estabeleci como objetivo verificar: que pistas foram usadas para requisitar a palavra e cedê-la, como os turnos foram assegurados e como o tópico foi mantido durante a atividade.

A roda é como um ritual de iniciação do dia escolar. As crianças sentam-se no chão com a professora e ela explica quais serão as atividades desenvolvidas. É o momento em que os alunos podem contar novidades, a professora pode resgatar ou introduzir aspectos do conteúdo, ler para os alunos, entre outras atividades. Dessa forma, a roda constitui-se um momento importante de produção de conhecimento, momento em que a mediação do outro se faz presente.

Nesta experiência, a roda assume uma função instrumental: a professora, através do resgate oral de uma experiência vivida na véspera, pretende dar elementos aos alunos para que eles possam produzir um texto sobre essa vivência no caderninho de memórias que possuem onde, freqüentemente, registram acontecimentos significativos ocorridos na escola. Deste modo, a roda transforma-se em palco de resgate de memória de experiência de vida.

REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA PRÉ-ESCOLAR

Zelma Regina Bosco (UNICAMP)

Quando nos deparamos com realizações gráficas produzidas por crianças nos anos iniciais da pré-escola, vemo-nos às voltas com um arranjo composto por traçados variados que, posteriormente, vão sendo substituídos por elementos gráficos reconhecidos como letras. As composições que os fragmentos dessa escrita organizam, embora sem relação de fonetização com a oralidade, dão visibilidade a mudanças que, aparentemente, se dão no plano gráfico-textual, como efeito da relação da criança com textos, tendo o outro como intérprete. Neste trabalho, buscamos apresentar a estreita relação entre a escrita do outro e a da criança. Pretendemos ainda apontar para a opacidade desse sistema simbólico - a escrita - para aquele que não lê e não escreve, no sentido estrito desses termos, e a complexidade que exhibe uma tarefa considerada simples pelos professores - a cópia - para uma criança cuja escrita encontra-se “em constituição”.